



DER PB RR CG: CONSTRUINDO A HISTÓRIA DA OBRA

DER PB RR CG: BUILDING THE HISTORY OF THE WORK

DER PB RR CG: CONSTRUINDO LA HISTORIA DE LA OBRA

Por: **AFONSO, ALCILIA¹**; **MAGALHÃES, GIULIA²**; **MARTINS, PAULO²**; **SANTOS, KEDNA²**;
SERRANO, GUSTAVO²

1. Doutora em projetos arquitetônicos. Professora adjunta do CAU UAEC CTRN UFCG; e-mail:kakiafonso@hotmail.com

2. Alunos da graduação em arquitetura e urbanismo. CAU UAEC CTRN UFCG
E-mails: gm_magalhaes@hotmail.com; paulo_mco@icloud.com; gustavoarsr@gmail.com; kedna.fernanda@estudante.ufcg.edu.br

ENTREVISTADOS: WILSON ISIDRO DOS SANTOS E ANDERSON VIEIRA GALDINO
EDIÇÃO E REVISÃO DA ENTREVISTA: ALCILIA AFONSO
INFORMAÇÕES HISTÓRICAS: KEDNA SANTOS
ROTEIRO: GIULIA MAGALHÃES E PAULO MARTINS
TRANSCRIÇÃO: GUSTAVO SERRANO
ENTREVISTADOR(A): GIULIA MAGALHÃES E PAULO MARTINS
DATA: 18 DE ABRIL.9H

CONSTRUINDO UMA HISTÓRIA DA OBRA

As entrevistas realizadas e publicadas nesse número 2 de nossa revista, foram realizadas com o atual diretor da Residência Regional do Departamento de Estradas e Rodagens da Paraíba, Regional Campina Grande/ DER PB RR CG- o senhor Wilson Isidro dos Santos, e o arquiteto que trabalha na instituição, Anderson Vieira Galdino.



Fotografia editada por Afonso da edificação do DER PB RR CG, recém-inaugurada. Fonte: Arquivo do DER PB RR CG.

Tais entrevistas foram fundamentais para se tentar levantar informações históricas, de gestão e de manutenção física da obra, que é um exemplar da modernidade paraibana e campinense, que nos despertou interesse devido à riqueza das soluções arquitetônicas e construtivas da obra. Infelizmente, não há nada publicado sobre ela, havendo assim, a necessidade de se trabalhar com as fontes orais para construção da história da edificação, que embasará os estudos que estão sendo realizados pela disciplina de projetos arquitetônicos 5 do curso de arquitetura e urbanismo e pelo grupo de pesquisa Arquitetura e Lugar/ GRUPAL.UFCG.

O DER/PB foi criado no Governo do Interventor Federal na Paraíba Odon Bezerra Cavalcanti, por meio do Decreto Lei n.º 832 de 26 de junho de 1946, em decorrência da Lei Joppert que instituiu o Fundo Rodoviário Nacional. Tinha a forma jurídica de autarquia e estava subordinada à extinta Secretaria de Viação e Obras Públicas. O engenheiro Serafim Rodriguez Martinez foi fundador e primeiro Diretor Geral do DER.

Durante o IV período administrativo (1956 - 1958) com o Diretor Geral Hermano Augusto de Almeida, foram instituídos os RRs/residências regionais de Patos, Itabaiana e Campina Grande, como parte do programa de interiorização das Rodovias e maior interação entre os municípios. Como estas RRs não dispunham de sedes próprias, o Diretor Geral mandou elaborar projetos de edifícios para a futura instalação das Residências de Campina Grande e Patos. O edifício que se encontra instalado o RR de Patos, por exemplo- foi começado e concluído pelo engenheiro José d'Ávila Lins, que o inaugurou em 28 de setembro de 1960.

No final do ano de 1951, a sede da RR de Campina Grande foi transferida da Rua Rui Barbosa, 269-Centro para a Rua Nilo Peçanha, no bairro da Prata, onde permaneceu até 1953, quando foi novamente transferida, agora para Rua João Tavares, em 1969. A partir de 13 de agosto de 1969, passou a funcionar na Rua João Suassuna, onde permaneceu até os dias atuais. Para construção da RR de Campina Grande e de outras do mesmo período, o DER-PB empregou recursos próprios, do DNER e do BNDE, arrecadados a partir do Fundo Rodoviário Nacional.

Há muito ainda por ser investigado, e almeja-se que tais entrevistas nos forneçam dados iniciais para subsidiar as investigações futuras, que continuam sendo realizadas pela disciplina citada anteriormente e pelos pesquisadores do Grupal.UFCG. O nosso primeiro entrevistado é o sr. Wilson Isidro dos Santos, diretor do D.E.R./CG e, na sequência, o arquiteto Anderson Vieira Galdino.



Wilson Isidro dos Santos, diretor do D.E.R./CG. Fonte: Acervo pessoal do diretor.



Anderson Vieira Galdino, arquiteto do DER /CG. Fonte: Acervo pessoal do arquiteto.

Nosso primeiro entrevistado será o engenheiro mecânico, Wilson dos Santos, que conversou com Giulia Magalhães e Paulo Martins, alunos da professora Dra. Alcilia Afonso na disciplina de projetos arquitetônicos 5- que trata de intervenções no patrimônio edificado.

PAULO MARTINS: Qual o seu departamento de trabalho e função no D.E.R., e há quanto tempo trabalha no órgão?

WILSON DOS SANTOS: Atuo como Engenheiro residente, sendo basicamente, um gerente regional. Temos oito residências na Paraíba, e cada qual tem o seu gerente. Trabalho aqui há 42 anos.

GIULIA MAGALHÃES: Qual foi sua primeira função de carreira aqui no D.E.R.?

WILSON DOS SANTOS: Sou engenheiro mecânico. Comecei trabalhando com máquinas.

PAULO MARTINS: Houve, no prédio, alguma alteração ou reforma ao longo dos anos nos quais o senhor trabalha na instituição?

WILSON DOS SANTOS: Sim, porém foram pequenas alterações.

GIULIA MAGALHÃES: Saberíamos dizer onde e quando aconteceram essas alterações?

WILSON DOS SANTOS: Bom, há dez anos fizeram divisórias de madeira na parte de lá (onde?), junto com aquela outra mudança (qual?). Fora isso, houve alteração nos banheiros.

PAULO MARTINS: Sabemos, entrevistando outros funcionários, que as alterações no muro do D.E.R. foram feitas, possivelmente, na década de 80. Poderia confirmar?

WILSON DOS SANTOS: Sim. Mais ou menos neste período.

PAULO MARTINS: Já a guarita de segurança foi construída entre 1995 e 2000, certo?

WILSON DOS SANTOS: Sim.

PAULO MARTINS: Nos falaram que havia uma viga interligando 2 blocos. Quais blocos seriam estes

WILSON DOS SANTOS: Desconheço tal interligação.

PAULO MARTINS: Quais os maiores problemas do prédio? eles acometem algum bloco em específico?

WILSON DOS SANTOS: Infiltrações e parte elétrica. Os três blocos maiores que compõem a edificação são acometidos por problemas.

PAULO MARTINS: A laje do laboratório (térreo do bloco 2) caiu ou foi retirada?

WILSON DOS SANTOS: Aquela laje na verdade é falsa. A madeira que existia apodreceu e o elemento arriou. Depois disso mandei derrubar (a laje).

PAULO MARTINS: Pode reportar alguma problemática quanto à gestão, manutenção e conservação?

WILSON DOS SANTOS: Já que a turma de vocês irá fazer um projeto, nosso plano será repassar para o pessoal da matriz de João Pessoa, e ver se eles contratam uma empresa para aplicar.

GIULIA MAGALHÃES: Nós temos acesso a um regimento interno de 1967. Existe algum regimento mais atual? Quem foram os autores deste regimento?

WILSON DOS SANTOS: Não existe um regimento atualizado. Os autores deviam ser da residência em João Pessoa. Só tivemos algumas alterações no organograma de funções. Ou seja, o fluxograma de funções que fica no site do D.E.R./PB.

PAULO MARTINS: Nós também tivemos acesso a este fluxograma. Ao observá-lo, sentimos falta de algum setor relacionado especificamente à gestão e manutenção do prédio.

WILSON DOS SANTOS: Aqui não existe. Isso existe na sede (João Pessoa). Por exemplo, se eu tiver um problema com energia elétrica, tenho que contactar a sede. A comunicação, geralmente, é boa.

GIULIA MAGALHÃES: O senhor teria acesso a algum documento que definisse os cargos e funcionalidades atribuídas à gestão atual? Se sim, poderia disponibilizá-lo?

WILSON DOS SANTOS: Creio que o organograma (que se encontra no site) seja o suficiente. Porém, posso procurar por essa relação e passá-la para vocês depois.

PAULO MARTINS: Que alterações você poderia propor para o prédio? Existem novas demandas?

WILSON DOS SANTOS: Temos que tornar o prédio mais acessível. Inclusive, na sede em João Pessoa, estão acontecendo obras nesse sentido.

GIULIA MAGALHÃES: Existem necessidades de melhoria para os alojamentos de funcionários? Existem carências que atrapalhem o uso do edifício como um todo?

WILSON DOS SANTOS: Acho que ali (Hospedaria) seria mais necessária uma reforma (Restauro). Fora isso, não falta nada.

PAULO MARTINS: Sabemos que o senhor pode requisitar recurso em face de necessidade. O acesso a este recurso é fácil?

WILSON DOS SANTOS: Existe burocracia. Porém, geralmente, o recurso é liberado.

GIULIA MAGALHÃES: Sabemos que o engenheiro residente na época da inauguração do prédio nesse local (1960) se chamava José Carlos Ramalho Clerot. O que o senhor pode nos dizer sobre ele?

WILSON DOS SANTOS: Não o conheci.

GIULIA MAGALHÃES: Pode nos datar o período de construção do prédio?

WILSON DOS SANTOS: Desconheço. Creio que a inauguração, porém, tenha se dado entre 1960 e 1963.

O próximo entrevistado é Anderson Vieira Galdino, arquiteto graduado na FACISA, em Campina Grande, e é funcionário do DER/CG, que trabalha na instituição a oito anos.

PAULO MARTINS: Qual o seu departamento de trabalho e função no D.E.R. e há quanto tempo atua na instituição?

ANDERSON GALDINO: Trabalho como chefe de seção técnica e, recentemente, estou como projetista e arquiteto. Estou aqui desde 2015.

PAULO MARTINS: Saberíamos dizer se já houve alguma alteração ou reforma neste edifício, desde que começou a trabalhar nele?

ANDERSON GALDINO: Não houve grandes reformas arquitetônicas. Só houve reformas nos banheiros da residência. O banheiro já vinha com um vazamento que durava mais de cinquenta anos. Passei dois meses resolvendo esse problema.

PAULO MARTINS: Quais os maiores problemas que você detecta no prédio hoje?

ANDERSON GALDINO: Infiltrações e manutenção, que não tem. Manutenção do prédio, em si. Pintura, fechamentos e esquadrias (antes em madeiramento), que agora são de metal.

GIULIA MAGALHÃES: Há quanto tempo foram mudadas as cores da fachada? Antes, através de fotografias, vimos que elas eram em pastilhas na cor azul claro.

ANDERSON GALDINO: Há mais de 15 anos.

PAULO MARTINS: Em relação à manutenção, conservação e gestão. Tem alguma consideração a fazer?

ANDERSON GALDINO: Nós temos um recurso público destinado a isso. É bem baixo, e nós fazemos o que podemos. Se, por exemplo, houve mudanças na originalidade da fachada, foi por falta de recurso.

PAULO MARTINS: Quais melhoramentos você propõe para o prédio? em relação ao quê? O prédio está adaptado aos novos usos? Coisas

como novos anexos ou novas salas são necessárias?

ANDERSON GALDINO: Eu creio que poderia haver uma integração com a população. Poderia até coligar o D.E.R com outros órgãos, tais como a Polícia Militar e Prefeitura. Poderia ser feito um acesso para a população, creio que isso seja difícil.

GIULIA MAGALHÃES: Algum outro órgão municipal tem funções semelhantes às do D.E.R.? Vocês ainda fazem obras?

ANDERSON GALDINO: A SEPLAN. Hoje, não fazemos obras. Nosso papel é voltado para pavimentação e fiscalização de obras de pavimentação de estradas estaduais, em andamento.

PAULO MARTINS: Existe estagiário trabalhando no D.E.R./CG para atribuições de arquitetura?

ANDERSON GALDINO: Não existe. Isso só acontece no D.E.R. de João Pessoa, que possui, há dois anos, arquitetos empregados.

PAULO MARTINS: As atribuições dos arquitetos em João Pessoa se associam à manutenção de prédios?

ANDERSON GALDINO: Sim. Eles também trabalham com design de pontes, fazem projetos de sinalização, e estão começando a planejar o restauro das residências. Inclusive, eu iria dar início ao restauro desta residência, mas estou atribuído a um projeto em uma residência de outra cidade.

GIULIA MAGALHÃES: Saberá dizer quais são e se já existem planos de restauro para esta residência?

ANDERSON GALDINO: A diretoria de projetos em João Pessoa, me repassou que eu e outra colega iríamos fazer o projeto de restauro aqui. Nós queríamos padronizar as fachadas das residências em toda a Paraíba, no intuito de transparecer imponência.

PAULO MARTINS: Nós já sabemos que, em face de necessidades, o D.E.R./CG pode solicitar recursos para restauro. É fácil adquirir este recurso?

ANDERSON GALDINO: Primeiro, se faz um estudo e se levanta o que se precisa. Depois, entramos com uma licitação. Também, pode haver um processo por carta-convite, que basicamente se resume no contrato de uma empresa conhecida pelo gestor, onde não há licitação. Temos uma verba com um teto de até 100 mil reais para isso.

PAULO MARTINS: Há recursos especificamente voltados para a manutenção?

ANDERSON GALDINO: Não. Nós temos uma verba destinada aos gastos gerais do prédio. Uma verba para restauração teria de ser requisitada em João Pessoa. Antigamente, cada residência tinha autonomia para isso. Hoje, porém, tudo tem que ser solicitado em João Pessoa.

Após tais entrevistas, observou-se que tanto na fala do diretor, quanto na do arquiteto, existe o desejo em se realizar parceria com o curso de arquitetura e urbanismo da UFCG, para aproveitar todo o trabalho que vem sendo realizado pela disciplina de projetos arquitetônicos 5, ministrada pela professora Alcilia Afonso.

E sem dúvida, todos os produtos resultantes dos estudos ali realizados serão apresentados e doados para a gestão de RR de Campina Grande tomar providências no sentido de conservar todos os atributos projetuais e construtivos dessa obra, que tanta importância possui para a preservação do patrimônio moderno campinense e paraibano.

Até o presente momento, ainda não conseguimos descobrir a autoria do projeto arquitetônico, mas insistiremos nas buscas, e muito em breve, publicaremos os resultados das análises arquitetônicas realizadas pela turma de projetos arquitetônicos 5, do curso de arquitetura e urbanismo da UFCG.

Inclusive, aproveitamos o espaço para solicitar para aqueles que possuírem alguma informação sobre a obra, nos contactar para colaborar na construção da história dessa importante obra moderna campinense.